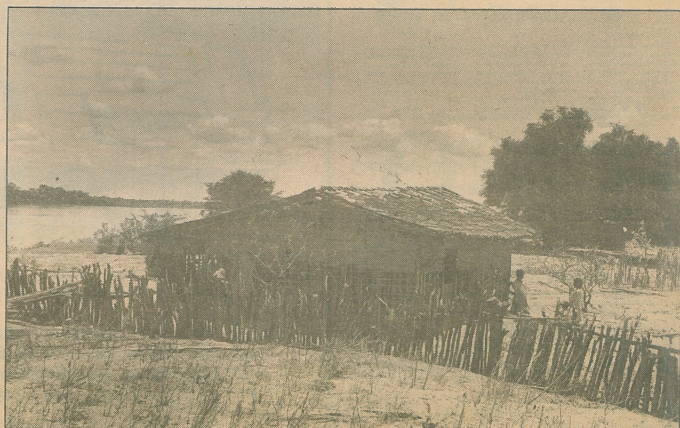


# MNU JORNAL

JORNAL NACIONAL DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO

Nº 21-julho/agosto/setembro de 1992 - Cr\$ 1.500



## RIO DAS RÂS - A LUTA PELA POSSE DA TERRA

No Oeste da Bahia, à margem direita do São Francisco, trezentas famílias da comunidade de Rio das Rãs enfrentam os pistoleiros do grileiro Carlos Bonfim para defender a terra que seus antepassados quilombolas conquistaram em meados do século XIX. A luta

dessa e de centenas de comunidades negras espalhadas pelo País, para fazer valer o Art. 68 das Disposições Transitórias da Constituição, está no Editorial (p.3) e na reportagem da página 5.



JUREMA BATISTA  
(Vereadora, PT-Rio de Janeiro)

AS LIÇÕES DE LOS ANGELES

500 ANOS DE COLONIALISMO

ENTREVISTA COM SPIKE LEE

ELEIÇÕES MUNICIPAIS —  
AS CÂNDIDATURAS DO MNU



LÚIS ALBERTO  
(Vereador, PT-Salvador)



# Uma viagem à Martinica (final)

Além dos grupos carnavalescos, os martiniquenses possuem um outro tipo de manifestação cultural, conhecida pelo nome de *ladja*. Trata-se de uma luta/jogo, cujos movimentos lembram muito os da capoeira e que se desenvolve apoiada em cantigas marcadas pelo ritmo de um grande atabaque. O grupo que se apresentou, na noite de abertura do festival (ao lado dos capoeiristas do Grupo Pelourinho, do Rio de Janeiro), evidenciou a existência de um núcleo de resistência cultural que se mantém graças à continuidade de transmissão entre as gerações. Essa transmissão tem no "créole", dialeto local, o seu ponto básico de referência.

Quanto às cantigas da *ladja*, parecem-nos que elas conservam a estrutura dos cantos de trabalho dos antigos escravos, em que o coro repete as frases do solista, (como, aliás, acontece na capoeira). Impressionante, foi ouvir a bela voz de um velho jogador que, de repente, quase nos fez pensar que a nossa Clementina de Jesus havia se materializado para homenagear os "camará" da *ladja* martiniquense. Foi um momento de grande emoção para todos nós.

Aqui, de novo, o Caribe se impõe como ancestralidade. Não só pelo tipo de musicalidade, de instrumental rítmico ou de expressão corporal. Mas, sobretudo, pelo "créole", esse código linguístico elaborado pelos antigos escravos, presente em quase toda a região. Não importa se a língua dominante seja o francês, o inglês ou o holandês, que o "créole" lá está, como marca de africanidade (muitas vezes, com palavras originárias do português ou do espanhol, devidamente africanizadas no seu modo de pronunciar: "tambú", "toká" etc). Nesse sentido, a Martinica não foge à regra da região. Quando querem se comunicar de maneira mais coloquial, os martiniquenses deixam o francês de lado e atacam de "créole".

O festival estruturou-se da seguinte maneira: pela manhã, aconteceram as comunicações e discussões no colóquio sobre "Identidade e Sincretismo Religioso no Caribe e no Brasil". À tarde, mostra de filmes e vídeos dos países participantes. À noite, apresentação dos grupos culturais (*ladja* capoeira, blocos carnavalescos) e cerimônias religiosas. Paralelamente, realizou-se uma exposição não só de objetos rituais, como de trabalhos leigos.

Quanto a este último aspecto, a presença haitiana foi decisiva. Seus artistas plásticos deixaram sua marca, graças aos belos quadros expostos. Por outro lado, os estandartes do vodú deram um toque de especial colorido à exposição de objetos rituais. Objetivando comunicar honra e respeito aos espíritos, são utilizadas em diferentes cerimônias como mediadoras entre o sagrado e o profano. Todas são bordadas a mão com paetês, canutilhos e pérolas, sobre um tecido de seda ou de veludo. Já a mostra do vodú dominicano consistiu na montagem de altares. O que mais nos chamou atenção foi "levantam-

do" numa mesa onde se destacavam litografias de santos católicos, lenços coloridos, flores, um pequeno sino, um cachimbo, velas acesas, orações, um crucifixo, espelhos etc; tudo isso simbolizando o "luá" ("santo" ou "ser") a que fora consagrado (N. S. das Dores, por exemplo, transmuta-se em "Metre-Silí", a deusa do amor). À frente-esquerda desse altar, erguia-se um monte de terra de cemitério, encimado por uma cruz, dedicada ao "Rei dos Mortos" ou "Barón del Cementerio" (ou Santo Elias), cujo culto é bastante popular na República Dominicana.

Também o candomblé ocupou seu espaço na exposição, apresentando uma série de objetos rituais confeccionados por inspirados artesãos, além das indumentá-

se furto a participar do mesmo, comendo, nas folhas de mamona, o repasto sagrado, transmissor de axé. Foi conveniente, até.

O vodú haitiano se fez representar pela comunidade originária do município de Jacmel (cujo prefeito chefiava a delegação de seu país). Na primeira noite (14/08), oficiou-se uma cerimônia de abertura dos trabalhos (e do festival) que, pelas rezas e velas, lembrou as novenas católicas. Oficiada pelo *hungan* (termo que corresponde ao nosso *babalorixá*), a cerimônia efetuou-se, inicialmente, na entrada do local do festival, para, depois, deslocar-se para o espaço circular (ladeado por arquibancadas) onde todos os rituais foram realizados. Na segunda noite (16/8), tivemos uma cerimônia extraordinariamente marcada pela força e pela beleza de um ritual rico e complexo, marcado por cores, sons e ritmos; onde a leveza das *hunsí* (filhos de santo) desenhava contornos admiráveis, produzidos por sua dança inspirada. Belíssima a voz da *mambo* (*yalorixá*), ao cantar as músicas cerimoniais. *Hungan* e *mambo* oficiaram ritos específicos que

antropólogo haitiano Réналd Clérisme. Precisa dizer mais?

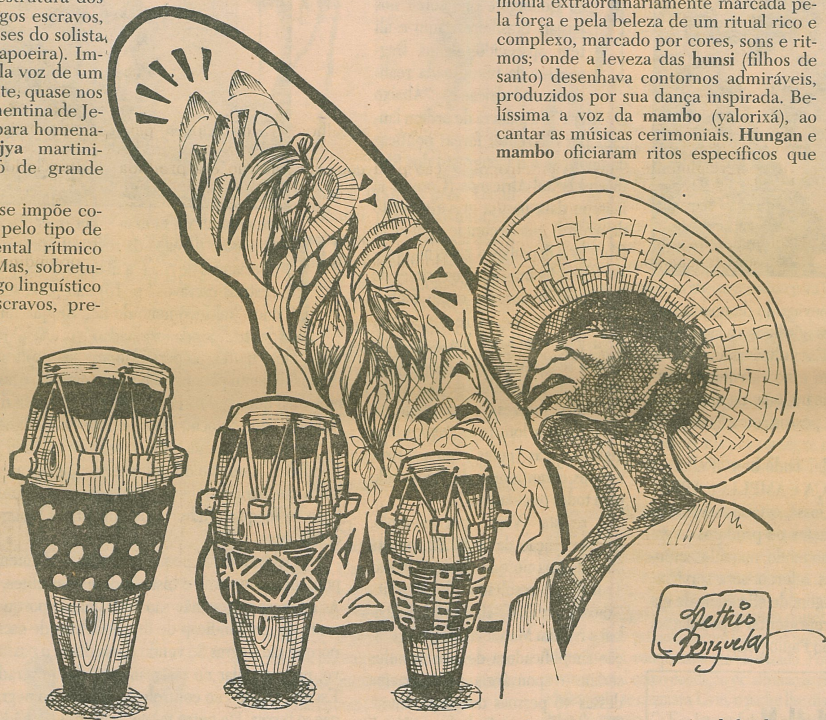
Apenas do ponto de vista comparativo, poderíamos dizer que, apesar de possuir aspectos semelhantes ao candomblé, o vodú dele se diferencia pelo seu caráter mais democrático. Assim comentaram os especialistas, ressaltando que isso ocorre tanto no nível ritualístico, quanto no profano. No primeiro caso, pudemos constatar a participação do público no ritual quando, numa espécie de confraternização geral, os assistentes foram convidados para entrar na roda e dançar junto com os oficiantes, encerrando os trabalhos. No segundo caso, verificamos que, em termos de vida social, o *hungan* goza de maior liberdade do que o *babalorixá* diante de seus filhos. Comprovamos isso no baile de encerramento do festival, onde o *hungan*, ao lado de seus filhos, dançava alegremente (e muito bem, aliás) com as mulheres presentes.

Quanto às comunicações apresentadas no colóquio, a grande maioria tratou da questão do sincretismo, com maior ou menor originalidade. Destacaram-se, a nosso ver, aquelas apresentadas por Sheila Walker (Estados Unidos) e José Flávio Pessoa de Barros (Brasil), ressaltando as soluções de compromisso entre o catolicismo e candomblé; a de Ana Cristina Mandarino (Brasil), sobre a questão racial num terreno de Umbanda; e, sobretudo, a de Leanec Hurbon (Haiti), sobre vodú e modernidade. Ao ouvir a exposição desse diretor de pesquisas do CNRS, sentimos o quanto nos falta um tipo de análise como a sua, em termos do candomblé, por exemplo. Sua tranquilidade em situar o vodú na perspectiva das discussões mais avançadas do mundo contemporâneo (isto, sem levar em conta a questão da pós-modernidade), impressionou-nos pelo nível de informação e capacidade reflexiva. Como estamos longe disso!

A participação brasileira foi bastante prejudicada pelo fato de as comunicações terem sido apresentadas em português (exceto no nosso caso). De um lado, as condições de tradução não ajudaram. De outro, o não entendimento das discussões conduziu a certas distorções. Tudo isso, sem contar com as reproduções inconscientes do famoso "racismo à brasileira" diante daquele crioulo falante francês. Foi demais, para alguns. E muito interessante, para nós, observar sua reação.

No momento em que fizemos a nossa comunicação, sobre o papel da mulher na construção da africanidade, tocamos no calcanhar de aqueles dos martiniquenses. Estava em jogo a questão da identidade, a partir de uma nova categoria. A discussão pegou fogo, tanto pelas adesões quanto pelas rejeições. Freuds, lacans, hegels e outras figuras mais, foram lançadas na arena dos debates, para sustentar esta ou aquela posição. Para nós, tudo isso foi um grande estímulo.

Como comentário final, queremos ressaltar a classe de Vovô na liderança do grupo do Ylê Ayé, assim como a dignidade do *babalorixá* Francisco de Yemanjá na condução dos problemas relativos à hospedagem da delegação. Diga-se de passagem que os membros do candomblé e do Ylê foram os que demonstraram maior disciplina e solidariedade mútua. Graças à ação de seus líderes. A eles, portanto, dedicamos este trabalho. Axé! (Lélia Gonzalez (MNU-RJ))



rias de vários orixás. Vale notar que a criatividade manifestou-se na confecção de arranjos de folhas que complementaram, de maneira delicada, o desenho dos objetos e trajas expostos.

Tivemos duas noites dedicadas às cerimônias do candomblé do Brasil, representado pelo Ylê Afro-Brasileiro São Lázaro (Rio de Janeiro) liderado pelo *babalorixá* Francisco de Yemanjá. Na primeira noite (dia 15/8), oficiou-se o *olubajé*, em honra a Obaluaýê. Na segunda (17/8), efetuou-se uma oferenda a Yemanjá, na praia do Marin; em seguida, a cerimônia se desenvolveu no espaço previamente preparado para esse fim, na localidade denominada Le Pitt (onde, aliás, aconteceu todo o festival). A organização, a disciplina e o empenho dessa comunidade religiosa manifestou-se, com beleza e dignidade, sobretudo na primeira noite. O caráter hierático do ritual foi rigorosamente concretizado no banquete oferecido pelo grande orixá. Impressionado, o público presente não

apontavam para aspectos definidos e consistentes no conjunto da manifestação.

"Sistema de crenças e de práticas que o povo haitiano forjou ao longo de sua existência, enquanto escravo e servo feudal, para se proteger e avaliar o peso da vida. O Vodú é vivido como sistema de força. Para o voduísta, viver é se apropriar de tudo o que é força. E, aqui, temos a grande contribuição da filosofia bantu ao Vodú haitiano".

"Para aquele que o prática, o Vodú é a tomada de consciência de seu Ser-nomundo com o conjunto do Cosmo e dos homens; é um jogo de celebração e dança que culmina em êxtase, em transe, em possessões, onde o *lwa*, o espírito vodú, incorpora cavalcando seu adepto, seu *chwal*, como se diz. (...) Não se concebe o Vodú sem dança. Dançar o Vodú é descobrir uma maneira total de viver no mundo, de existir inteiro no todo vivente, é realizar a comunidade viva dos *pitiit fey*, é uma maneira de existir". Esses dois parágrafos, são expressão do